

* Artigo Original

Saúde aos domingos: uma análise da cobertura da pesquisa em medicina & saúde no *Fantástico*

Luisa Massarani

Fundação Oswaldo Cruz. Possui graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1987), mestrado em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (1998) e doutorado na Área de Gestão Educação e Difusão em Biociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). Realizou, ainda, doutorado-sanduíche com bolsa da Capes no Department of Science and Technology Studies da University College London, Reino Unido. Realiza atividades práticas e de pesquisa na área de Divulgação Científica. Trabalha na Fundação Oswaldo Cruz, onde dirige o Museu da Vida.
lumassa@fiocruz.br

Catarina Chagas

Fundação Oswaldo Cruz. Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro(2005). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração. Atuando principalmente nos seguintes temas:divulgação científica, jornalismo científico, público infantil.
catarinachagas@gmail.com

Marina Ramalho

Jornalista, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003). Atualmente, cursa doutorado no Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ, no programa de Educação, Gestão e Difusão em Biociências e possui Master (2008), realizado na Universidade Rey Juan Carlos (Espanha) em colaboração com a Agência Efe (Espanha). Desde estudante de graduação, trabalhou com jornalismo científico e atua no desenvolvimento de produtos e projetos de divulgação científica, no Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz.
marinar@fiocruz.br

Gabriela Reznik

Jornalista em projetos de divulgação científica. Formada em ciências biológicas, modalidade Ecologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
gabriela_reznik@hotmail.com

DOI: 10.3395/reciis.v7i1.706pt

Resumo

Neste artigo, analisamos a cobertura dada a temas de pesquisa em saúde e medicina pelo programa dominical *Fantástico* ao longo de 12 meses, utilizando como referencial teórico a construção de enquadramento (*frame*) mediático, associando análise quantitativa de conteúdo e abordagem qualitativa. Observamos que o programa deu grande destaque à área, tendo como enquadramentos principais “nova pesquisa” e “personalização” – em sintonia com seu objetivo de informar e entreter – e oferecendo recomendações sobre saúde aos telespectadores em mais de 70% das notícias analisadas. Os cientistas ganharam papel destacado entre as fontes, sendo citados na maioria das matérias, expressando a legitimidade

dada pelo programa para este ator social. A visão de saúde expressa pelo programa é ampla e leva em consideração fatores sociais, econômicos, culturais e comportamentais. Porém, a seleção de pautas nem sempre corresponde aos principais problemas de saúde pública enfrentados pelo país.

Palavras-chave: Pesquisa em saúde; Saúde na mídia; TV; *Fantástico*; *frames*; Análise de conteúdo.

Introdução

A Organização Mundial da Saúde define saúde como o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1946). Segundo Badziak e Moura (2010), apesar de ser alvo de muitas críticas, já que a saúde seria tida como algo utópico e inalcançável, este conceito é de fundamental importância para as políticas de saúde pública, na medida em que considera não apenas os determinantes biológicos da saúde, mas, também, leva em conta o processo saúde-doença como resultado do binômio corpo-mente e de sua interação com o meio ambiente. Badziak e Moura (2010) enfatizam a importância de pensar a saúde de forma positiva e holística, resultante de vários fatores integrados.

Nesta linha, Buss e Pellegrini (2007) reiteram o conceito bastante generalizado atualmente – e expresso pelos chamados Determinantes Sociais de Saúde (DSS) – de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde. Para a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde, destacam os autores, os DSS são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população.

Para o público, por sua vez, uma das principais fontes de informação sobre saúde são os veículos de comunicação, que aproximam de sua audiência o discurso científico, tornando-o mais acessível e interessante (OLIVEIRA et. al., 2009). Por um lado, o público manifesta grande interesse por notícias de saúde e medicina; por outro, os veículos de comunicação dedicam espaço significativo a tais assuntos, que predominam entre os temas de ciência e tecnologia abordados pela mídia (RAMALHO; POLINO; MASSARANI, 2012; ALMEIDA et al., 2011; MASSARANI, 2010; BOMLITZ; BREZIS, 2008; LEÓN, 2008; VERHOEVEN, 2008; BUCCHI; MAZZOLINI, 2003; GÖPFERT, 1996). Os meios de comunicação de massa têm papel importante, por exemplo, no tocante às controvérsias científicas em pesquisa em saúde, como a pesquisa com células-tronco (JURBERG et al., 2009; REIS, 2008; NISBET; BROSSARD; KROEPSCH, 2003).

O jornalismo é uma ferramenta importante para garantir que os cidadãos tenham acesso às informações sobre saúde a que têm direito (KUCINSKI, 2000) e a mídia exerce um papel importante na divulgação relativa à epidemiologia de doenças, formas de prevenção e tratamentos disponíveis. França, Abreu e Siqueira (2004) destacam que a ocorrência de sucessivas epidemias de dengue no Brasil ressalta a importância da divulgação de informações pela mídia, pois, como esfera de mediação das sociedades contemporâneas, a mídia produz, amplifica e faz circular informações e significados que afetam as decisões das pessoas. As autoras destacam que o jornalismo pode assumir papel de relevância para o setor de saúde no

enfrentamento de epidemias, difundindo informações de caráter técnico e científico com agilidade e abrangência. Medeiros e Massarani (2011) sugerem que a cobertura apresentada pelos meios de comunicação poderia influenciar a resposta da população a determinados temas – por exemplo, na cobertura de novas doenças, a mídia pode ajudar a tranquilizar as audiências ou, ao contrário, promover o pânico.

Diversos estudos avaliam a presença da ciência e, em particular, dos temas de medicina e saúde na mídia. Em pesquisa sobre o horário nobre na televisão europeia, León (2008) aponta que a ciência, apesar do interesse do público, ainda é um tópico marginal, embora venha crescendo nos últimos anos, e sua cobertura apresenta problemas de qualidade. Por um lado, seus resultados apontam que a maior parte das matérias apresenta informações contextuais sobre o tema abordado, o que seria um aspecto positivo. Por outro, mostram que poucas reportagens incluem explicações de conceitos científicos, o que seria, a seu ver, um indicador negativo de qualidade.

Em vários países, a cobertura de temas de saúde pelos meios de comunicação de massa é criticada em relação à sua credibilidade e acuidade (IABOLI et. al., 2010; WILSON, 2009; BUCCHI; MAZZOLINI, 2003). Uma das principais críticas é que a cobertura jornalística tende a enfatizar benefícios dos novos tratamentos e pesquisas, enquanto deixa em segundo plano a discussão dos custos, dos riscos e dos conflitos de interesse envolvidos (IABOLI et. al., 2010). Outra crítica importante é que a cobertura da mídia tende a exagerar a importância de fatores políticos e não-científicos relacionados ao tópico em questão e criar uma imagem negativa da ciência (BUCCHI; MAZZOLINI, 2003).

Lai e Lane (2009) avaliaram a cobertura de medicina e saúde nas primeiras páginas de jornais de língua inglesa. Além de analisar as matérias publicadas, os autores buscaram os artigos científicos referentes às pautas abordadas e concluíram que uma parte expressiva das matérias falava sobre resultados preliminares de pesquisa sem, no entanto, explicitar isso aos leitores. Em outro estudo com veículos de língua inglesa, Balasegaram et al. (2008) verificaram que a mídia dedica pouco espaço à cobertura de questões de interesse de países em desenvolvimento, como doenças negligenciadas. Wilson (2009) destaca que a cobertura da mídia sobre medicina, embora esteja se aprimorando, é ainda pobre, e os programas televisivos estão entre os que apresentam a cobertura menos satisfatória.

Verhoeven (2008) analisou a cobertura de saúde na televisão holandesa e observou que, em relação a outros temas, as matérias de saúde incluíram uma variedade maior de vozes (especialistas – médicos ou cientistas –, jornalistas e pessoas leigas). Outra característica identificada pelo autor foi o uso de personificação para abordar temas de saúde, por exemplo, contando a história de pacientes e suas famílias – contar histórias é um recurso importante para estruturar informações e explicar eventos complexos (NISBET; BROSSARD; KROEPSCH, 2003).

Oliveira et al. (2009) avaliaram textos sobre saúde da mulher publicados em três revistas semanais de circulação nacional num período de um ano. O material foi analisado de forma independente por dois médicos e dois jornalistas. Os autores apontam que as informações apresentadas eram, de maneira geral, superficiais e pouco precisas.

Em estudo sobre a depressão em matérias da *Folha de S. Paulo* e da *Veja* (ambas em sua versão *online*), Soares e Caponi (2011) fazem uma análise comparativa entre textos

jornalísticos e os artigos científicos que lhes serviram de pauta. As autoras ressaltam que, na divulgação de pesquisas relacionadas à depressão, os veículos estudados parecem deixar de lado nuances fundamentais da atividade científica: fazem isso, por exemplo, quando ignoram ressalvas apresentadas pelos pesquisadores no artigo; quando apresentam associações estatísticas como certezas; ou quando generalizam os resultados (em uma das pautas analisadas, o que era apresentado no artigo científico como “leucemia” na matéria jornalística vira “câncer”, uma doença muito mais abrangente). O estudo aponta, ainda, que as matérias jornalísticas geralmente terminam com uma recomendação aos leitores ou uma predição do futuro. Outra forma de abordar o tema depressão na *Folha de S. Paulo* e na *Veja* é o acompanhamento de casos de celebridades que dizem enfrentar ou ter enfrentado a doença.

Já Barata (2006) focou seu olhar sobre a cobertura dada pelo *Fantástico* à Aids, destacando que a TV desempenhou papel-chave na apresentação da doença ao público quando a mesma foi identificada. Para a autora, a cobertura da enfermidade por este meio de comunicação destacou seus aspectos trágicos, misteriosos, desconhecidos e fatais, em um primeiro momento, e de esperança, denúncia e alerta, para então tornar-se mais amena e informativa, sem deixar de tocar a emoção do telespectador.

Também no *Fantástico*, Medeiros e Massarani (2011) analisaram a cobertura da gripe A (H1N1) em 2009 e observaram que a maioria das matérias veiculadas naquele ano enfatizou o alastramento da doença, mostrando dados epidemiológicos na forma de numeradores sem denominadores e falando em “alarde”, “pânico” e “preocupação”. As autoras apontam que a cobertura do *Fantástico* optou por manter um tom de preocupação por meio das narrativas compostas e das imagens que acompanharam as matérias feitas sobre a gripe A (H1N1).

Por fim, ao longo das últimas duas décadas, pesquisadores que se dedicam aos meios de comunicação de massa têm se interessado em compreender a forma como a mídia retrata importantes questões, sendo o enquadramento (*frame*, em sua concepção original em inglês) um dos conceitos importantes para estudar como as mensagens jornalísticas trazem significado. Os enquadramentos aplicados à mídia representam o enfoque principal dado às mensagens apresentadas (GAMSON; MODIGLIANI, 1989). Em outras palavras, os enquadramentos se referem aos principais enfoques (ou ângulos de abordagem) utilizados pelos jornalistas para apresentar questões complexas acessíveis para suas audiências (GANS, 1979). Para Entman (1993), com o enquadramento, selecionam-se alguns aspectos da realidade percebida, destacando-os em um texto comunicacional de uma forma que afeta a interpretação pública daquele tópico e questões relacionadas. O enquadramento na mídia seria a ideia central, que organiza a mensagem e dá às audiências uma orientação em termos de relevância, importância, valores da notícia e contexto. Neste estudo, dedicamo-nos a analisar a cobertura dada pelo *Fantástico* a temas de pesquisa em saúde ao longo de 12 meses, tendo como ponto de partida a análise dos enquadramentos destacados pelo programa.

Metodologia

Fantástico é um programa semanal do tipo revista eletrônica, veiculado aos domingos às 20h45 pela Rede Globo, a maior emissora televisiva do Brasil. Criado em 1973, seu formato buscava reunir “jornalismo e entretenimento para levar até o telespectador o que de mais espetacular estivesse acontecendo no Brasil e no mundo” (MEMÓRIA GLOBO, 2012). O critério para sua escolha foi o fato de o programa ser um dos líderes de audiência de horário nobre

(PADIGLIONE, 2011), assistido por uma média de um milhão de pessoas apenas na Grande São Paulo todo domingo. Outro critério para sua seleção é o programa tratar regularmente de temas científicos e/ou médicos (SIQUEIRA, 1999).

Em pesquisa realizada no âmbito do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica do Museu da Vida/casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, na qual se insere este estudo, observamos que esses assuntos têm presença constante no programa dominical e destacam-se entre os temas de ciência abordados, com 41,4% das matérias de ciência dedicadas a esta área.¹

Analisamos as edições veiculadas pelo *Fantástico* ao longo de 12 meses (entre abril de 2009 e março de 2010), em um total de 51 programas. Entre tais edições, selecionamos as matérias de ciência com base em uma metodologia que teve como ponto de partida a proposta de Rondelli (2004), consolidada por pesquisadores integrantes da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico. Para configurar como matéria de ciência e ser incluída na amostra para análise, a unidade noticiosa deveria atender a pelo menos um dos seguintes requisitos: mencionar cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas em geral (desde que aparecessem vinculados a uma instituição científica e comentassem temas relacionados a ciência) ou mencionar instituições de pesquisa e universidades; mencionar dados científicos ou resultados de investigações; mencionar política científica; ou tratar de divulgação científica.

Neste artigo, analisaremos as matérias de medicina e saúde que abordavam especificamente a pesquisa científica na área. Optamos por descartar reportagens sobre campanhas de saúde pública, serviços de saúde e outros temas cuja abordagem fugia dos aspectos científicos. Dessa forma, chegamos ao nosso *corpus*, com 46 matérias.

As notícias foram submetidas a uma análise de conteúdo com base em protocolo também desenvolvido no âmbito da Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, que reúne diversas variáveis. Neste artigo, destacamos: a atenção dada aos temas relacionados à pesquisa em saúde e medicina, os enquadramentos, a menção a benefícios e riscos da ciência, as recomendações oferecidas pelas matérias aos telespectadores e as fontes utilizadas. A definição dos enquadramentos igualmente seguiu o protocolo desenvolvido pela Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, tendo como ponto de partida o modelo proposto por Nisbet, Brossard e Kroepsch (2003).

Cada matéria pôde ser classificada em pelo menos um ou até três enquadramentos diferentes, dentre os seguintes: nova pesquisa, novo desenvolvimento tecnológico, antecedentes/*background* científico, impacto da ciência e da tecnologia na sociedade, ética e moral, estratégia política/políticas públicas e regulação, controvérsia científica, incerteza científica, personalização e dimensão cultural da ciência (ver apêndice 1).

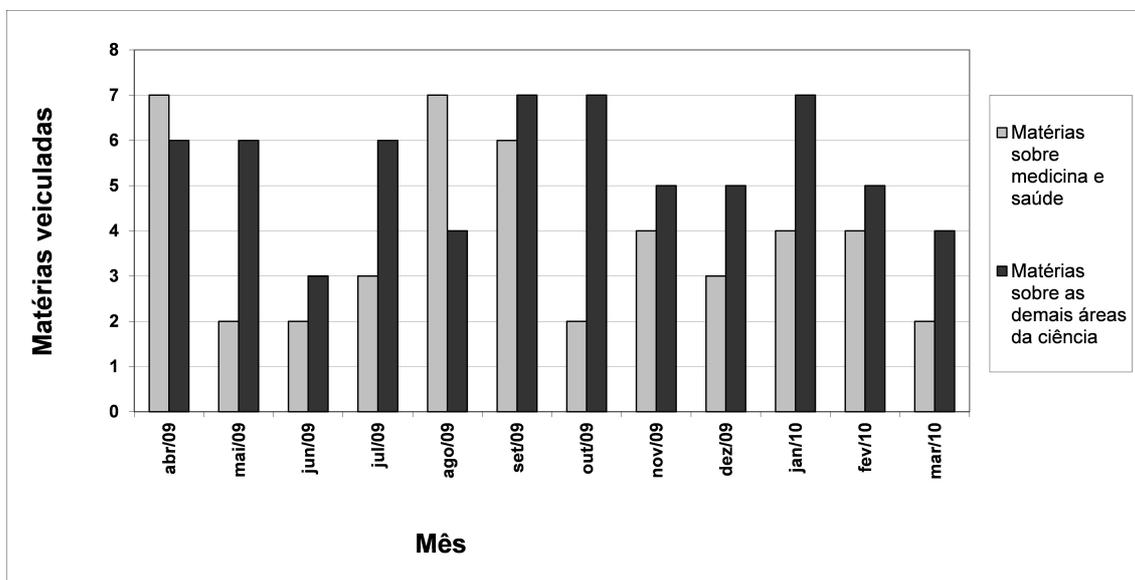
Resultados

Medicina e saúde ganharam particular atenção no *Fantástico* no período analisado, aparecendo em todos os meses incluídos no estudo, como mostra o gráfico 1. No entanto, observa-se

¹ Dos 52 programas exibidos no período, apenas um não foi analisado, por problemas técnicos.

variação no número de matérias em cada mês, sendo maio, junho, outubro e março os meses de presença mais reduzida. Por outro lado, abril e agosto foram os meses em que mais destaque se deu para estes temas.

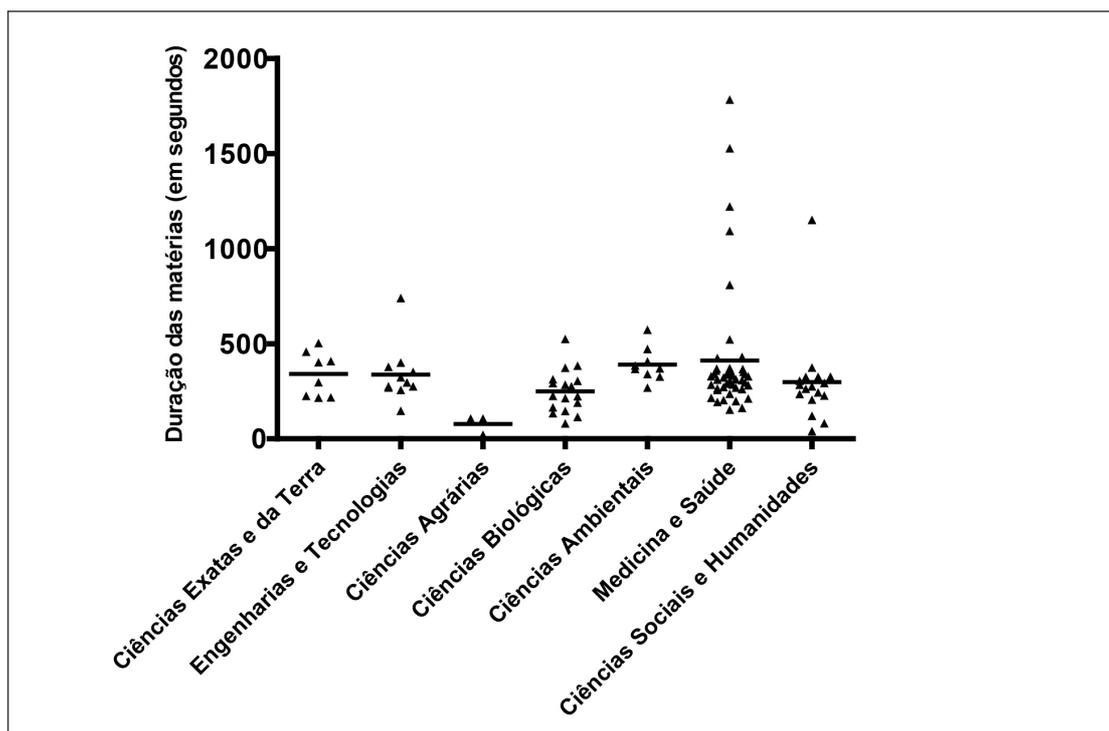
Gráfico 1 – Distribuição de matérias por mês



Legenda: Distribuição mensal das matérias de medicina e saúde em comparação às matérias de ciência das demais áreas (ciências sociais e humanidades, ciências biológicas, ciências exatas e da Terra, engenharias e tecnologias, ciências agrárias, e ciências ambientais).

A duração das matérias de medicina e saúde variou de 2 minutos e 33 segundos a 29 minutos e 43 segundos, sendo que a maior parte das reportagens (89,1% do total) teve duração de menos de dez minutos, o que também foi observado nas outras áreas da ciência abordadas pelo *Fantástico*. Entre os temas científicos, medicina e saúde apresentaram mais matérias com duração maior que dez minutos (ver gráfico 2).

Gráfico 2 – Duração das matérias por área de conhecimento



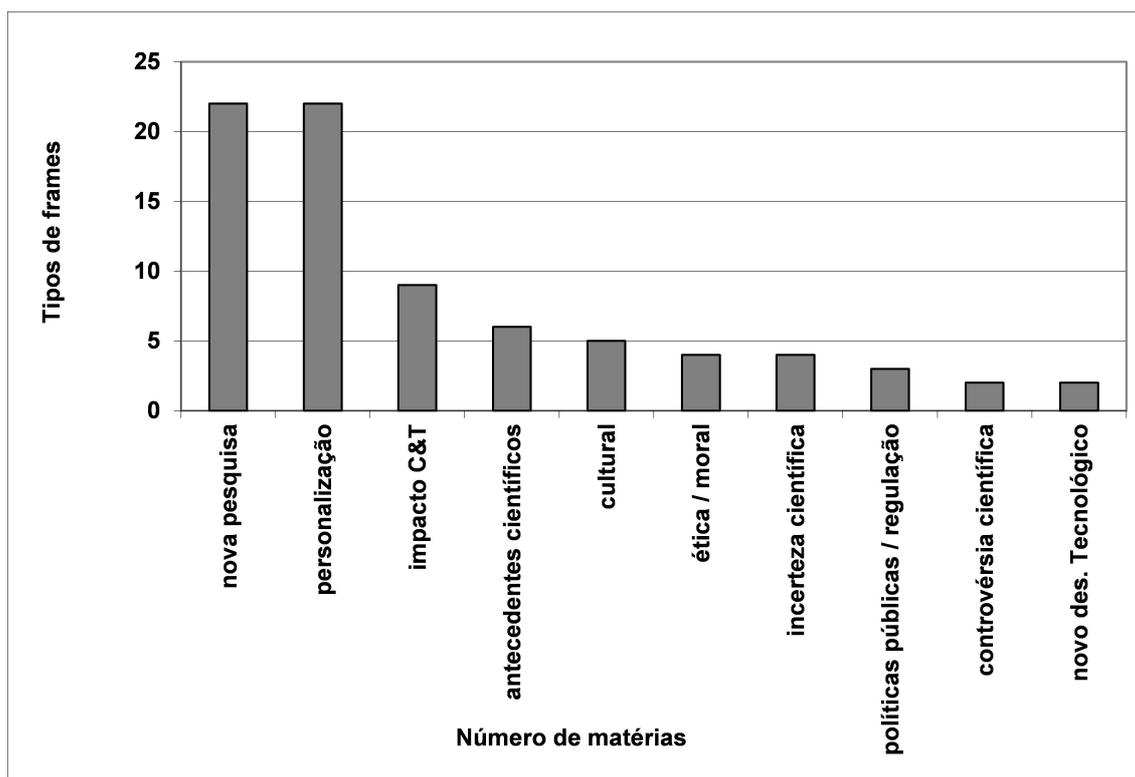
Legenda: Duração das matérias de ciência e tecnologia veiculadas pelo Fantástico segundo área do conhecimento.

Foram, no total, cinco matérias de medicina e saúde com mais de dez minutos, sendo que quatro delas fizeram parte de uma série de reportagens especiais sobre transplantes de órgãos e uma apresentou uma investigação sobre médicos ortomoleculares. Das matérias de ciência em geral que fizeram parte de séries especiais de reportagens (16,2% das matérias científicas), medicina e saúde representaram 27,8%. Medicina e saúde foram os temas mais presentes entre as matérias de ciência e tecnologia que mereceram chamada na abertura do programa (50,8% do total).

Entre os temas específicos mais presentes estão câncer, influenza H1N1 e transplantes, cada um correspondendo a 8,7% das matérias sobre saúde e medicina. Diabetes, infarto, insônia e doenças mentais também apareceram, entre outros temas.

Como pode ser visto no gráfico 3, os enquadramentos mais comumente utilizados nas matérias de saúde e medicina foram "nova pesquisa" e "personalização", ambos utilizados em 22 matérias (47,8% do total).

Gráfico 3 – Número de matérias por tipo de enquadramento (*frame*)



Legenda: Número de matérias por enquadramento. Como cada matéria podia apresentar até três enquadramentos, o "n" deste gráfico é superior ao "n" de nosso corpus (46).

O enquadramento "nova pesquisa", esperado num veículo jornalístico, inclui, por exemplo, anúncios de pesquisas recém-publicadas e de novos tratamentos. São exemplos a matéria veiculada em 12 de julho de 2009 que fala: "Um estudo feito pela USP (Universidade de São Paulo) com duas mil pessoas mostra que 37% dos adultos comem mais açúcar do que deveriam"; e a matéria de 24 de janeiro de 2010 que diz: "Esta semana, cientistas americanos anunciaram um grande avanço no tratamento da leucemia".

As matérias em que aparece o enquadramento "personalização" apresentam a história de pacientes e/ou seus familiares; falam sobre como é enfrentar determinadas doenças ou passar por determinados tratamentos. Uma das matérias, veiculada em 28 de junho de 2009, por exemplo, tem como tema a influenza gerada pelo vírus H1N1 e traz o depoimento de um paciente: "Meu nome é Fernando e eu sou um dos casos confirmados com vírus da nova gripe". Outra, sobre o ronco durante o sono, faz uma incursão no cotidiano de um casal que enfrenta o problema: "Registramos uma noite inteira do casal Sandra e William..." (5 de julho de 2009).

"Impacto da ciência e da tecnologia", por sua vez, inclui consequências negativas e positivas da ciência e da tecnologia. Se, por um lado, uma matéria fala sobre como o uso de reprodutores de áudios em formato mp3 pode prejudicar a audição dos jovens (11 de outubro de 2009), por outro, uma reportagem aposta em como os avanços nas pesquisas com células-tronco beneficiarão um grande número de pessoas (24 de janeiro de 2010). Este *frame* esteve presente em nove matérias (19,6% do total).

Em "antecedentes científicos" (enquadramento presente em seis matérias, 13,0% do total), podemos citar a notícia sobre a gripe H1N1 que abordou, em 26 de abril de 2009, surtos

anteriores causados por outros vírus letais, a reportagem sobre o médico francês que afirmava ter descoberto a cura para o alcoolismo (14 de março de 2010), que cita pesquisas realizadas anteriormente, e a matéria sobre o linfoma da presidente Dilma Rousseff (26 de abril de 2009), que explica que, apesar de descoberta há 117 anos, a doença ainda não teve suas causas desvendadas pelos médicos.

Matérias com enquadramento "cultural" (cinco notícias, 10,9% do total) abordam, por exemplo, os rituais de pajelança indígenas (19 de abril de 2009), a alimentação típica do brasileiro (6 de setembro de 2009) e a sabedoria popular passada de geração em geração (3 de janeiro de 2010). O enquadramento "ética/moral" esteve presente em apenas quatro matérias (8,7%) e incluiu, por exemplo, a reportagem sobre manipulação genética indevida dentro de uma clínica de fertilização humana (28 de agosto de 2009). O enquadramento "incertezas científicas" também foi utilizado em quatro notícias. Um exemplo deste enquadramento é uma matéria sobre novo tratamento para pessoas que tiveram paradas cardíacas (7 de fevereiro de 2010), que questiona: "Se os neurônios estavam morrendo, então como é que o paciente se recuperou e sem sequelas? A resposta honesta dos cientistas é que eles não sabem exatamente porque isso acontece".

O *frame* "estratégia política, políticas públicas e regulamentação" aparece somente em três matérias (6,5% das reportagens sobre medicina e saúde). Um exemplo é a matéria sobre a lei que proibiu o fumo em lugares fechados (2 de agosto de 2009): "a partir de sexta-feira, quem ousar acender um cigarrinho em lugar fechado estará infringindo a lei no Estado de São Paulo", diz.

Controvérsias da ciência aparecem com menos frequência ainda: em duas matérias (4,3% das reportagens analisadas). Uma fala que exemplifica a presença de controvérsias é "um médico francês está provocando polêmica: ele diz que se curou da doença [alcoolismo] sozinho, mas vários pesquisadores não acreditam nisso" (14 de março de 2010).

Além dos enquadramentos, observamos que benefícios e promessas da ciência médica foram mencionados explicitamente em 14 matérias (30,4%). Os principais exemplos são melhoras na qualidade de vida após seguir determinado tratamento, mudar o estilo de vida ou receber um transplante de órgão. Uma parcela das reportagens (17,4%) apresenta a ciência e a medicina de maneira espetacular, como capazes de resolver problemas impossíveis, revolucionar a vida cotidiana e até devolver a vida aos pacientes incuráveis. Por outro lado, danos e riscos relacionados à ciência e à tecnologia médicas aparecem em 13 matérias (28,3% das reportagens). Elas apresentaram, por exemplo, o risco de usar um equipamento potencialmente perigoso sem a devida licença, o risco de tomar remédios em excesso e como a demora num diagnóstico médico pode prejudicar o paciente.

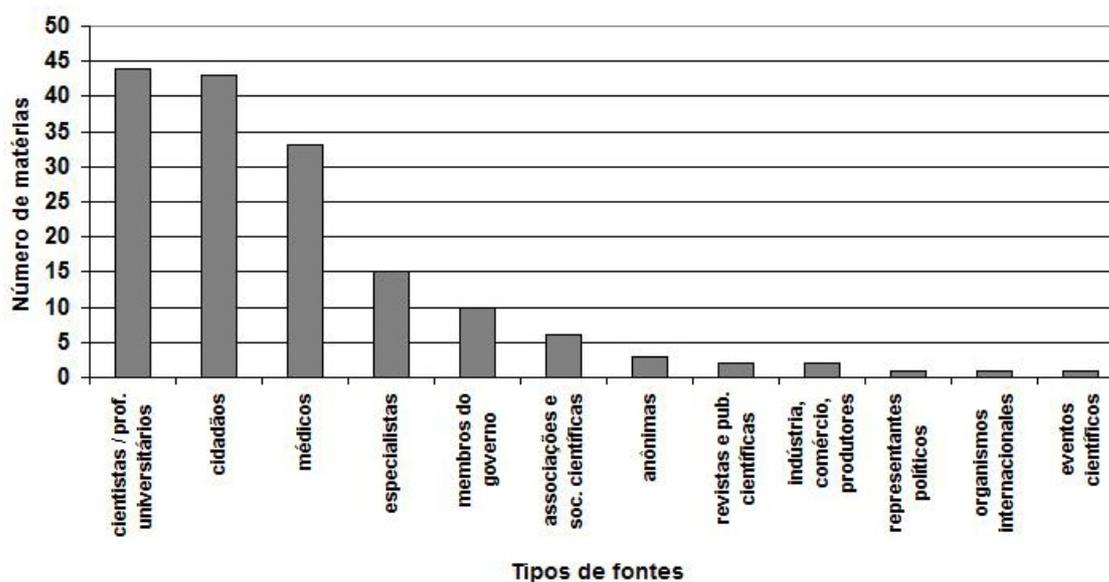
Observamos também que a maior parte das reportagens (33 matérias, ou 71,7% do total) continha recomendações para o telespectador sobre como lidar com a questão de saúde referida no programa. Nas matérias que tratavam de doenças, as recomendações abordavam os cuidados requeridos para preveni-las, como pode ser visto na reportagem sobre câncer em homens, veiculada no dia 6 de setembro de 2009: "as recomendações são: mantenha-se num peso saudável; faça atividades físicas; não fume; coma, pelo menos, cinco porções de verduras, frutas e legumes todos os dias; evite alimentos muito salgados e gordurosos".

Outro exemplo está na matéria sobre o risco de contaminação em águas de alagamento, na cidade de São Paulo, veiculada no dia 13 de dezembro de 2009: "pessoas que apresentarem febre, dor no corpo, dor de cabeça, náuseas, vômito, pele amarelada, urina clara, fezes escuras e dor muscular principalmente na batata da perna devem procurar os serviços médicos da região". Na reportagem sobre alimentação de pessoas que sofrem de sonambulismo, outro conselho: "para uma noite tranquila, os nutricionistas recomendam banana com aveia antes de dormir" (30 de agosto de 2009).

Duas reportagens analisadas, ambas veiculadas no dia 29 de novembro de 2012, são centradas nas recomendações. As matérias trazem dez dicas da ciência para dormir bem e estão estruturadas em blocos que apresentam indicações, embasadas em pesquisas científicas, para o bem estar dos indivíduos durante o sono. São exemplos: "dica número 1: se quiser vencer a insônia, evite cochilar durante o dia e saia da cama no mesmo horário" e "dica número 7: respeite os ciclos do sono".

No que se refere às fontes, observamos que a grande maioria das notícias (44 matérias, 95,7% do total) citou cientistas, professores universitários, pesquisadores, acadêmicos e/ou universidades (ver gráfico 4).

Gráfico 4 – Número de matérias por tipo de fonte



Legenda: Número de matérias contendo cada tipo de fontes. Como cada matéria poderia apresentar mais de um tipo de fonte, o "n" do gráfico supera o "n" de matérias (46).

É interessante notar que, além da proeminência dada nas matérias aos cientistas e às instituições de pesquisa como fontes, alguns aspectos dos textos contribuem para a formação de uma certa imagem da ciência – a ciência legitimadora de saberes e detentora de maior credibilidade quando comparada às demais formas de conhecimento, como o conhecimento do senso comum e de comunidades tradicionais. A fim de reforçar essa ideia, algumas reportagens utilizam expressões que exaltam a ciência e a colocam como parâmetro para julgar a verdade: "todas elas [dicas para dormir bem] *comprovadas*³, é claro, pela ciência" (29 de novembro de 2009); "nós tentaremos mostrar *o que a medicina moderna tem a dizer* a respeito delas [receitas tradicionais]" (3 de janeiro de 2010); "para ver se *com a ajuda da*

ciência consegue a cura para o inexplicável" (13 de setembro de 2009); "um mistério que pode ser alimentado pela crença ou *desvendado* pela ciência" (13 de setembro de 2009).

Cidadãos comuns também foram fontes citadas na grande maioria das matérias (em 43 notícias, 93,5%), sendo seguidos por médicos, mencionados em 33 matérias (71,7%).

Coerente com o percentual alto de enquadramento "personalização" e de pessoas leigas utilizadas como fontes, a série de quatro reportagens sobre transplante de órgãos, por exemplo, apresentou diversas histórias de vida de pacientes que aguardavam por órgãos ou decidiam doar órgãos de seus familiares. Explorando o caráter dramático, o programa veicula "diários" em vídeo de alguns pacientes, que comentam os altos e baixos de sua vida na fila do transplante: "Às vezes eu sinto um pouco de medo de morrer, cara, tenho tanta coisa para fazer ainda!" (12 de abril de 2009).

A série começa propondo ao espectador que se imagine no lugar dos pacientes que precisam de transplante: "Imagine como é viver à beira da morte, uma morte que a medicina tem como evitar". Além disso, há um forte apelo ao público pela doação de órgãos. A campanha incluiu a participação de artistas e também o depoimento de pessoas comuns que já receberam transplantes de órgãos e hoje estão em bom estado de saúde.

Entrevistas com representantes do público são, aliás, uma estratégia recorrente e aparecem em matérias sobre ronco (5 de julho de 2009), consumo de sal (12 de julho de 2009), ganho de peso após o casamento (19 de julho de 2009), cigarro eletrônico (2 de agosto de 2009) e várias outras. Na matéria sobre a pílula do dia seguinte (31 de maio de 2009) estão incluídos no programa vários depoimentos de jovens. Em alguns casos, como nessa mesma matéria sobre a pílula do dia seguinte e na reportagem sobre a prevenção da gripe A (H1N1) na escola (16 de agosto de 2009), o programa uniu especialistas e pessoas leigas em um diálogo direto.

Nem sempre as matérias são compostas apenas de cenas documentais, o que reforça o caráter de entretenimento do programa. A animação foi um recurso incluído na matéria sobre relacionamento entre parceiros de idades bastante diferentes (14 de junho de 2009) e na matéria sobre influenza A(H1N1) em gestantes (9 de julho de 2009), entre outras. Já a matéria sobre ganho de peso após o casamento (19 de julho de 2009) incluiu uma dramatização com atores comediantes.

Numa matéria sobre esquizofrenia (19 de abril de 2009), pautada pela presença de um personagem esquizofrênico em uma das novelas da emissora, o *Fantástico* leva o ator para conversar com os pacientes, além de incluir cenas da própria novela. Outras cenas de novelas e filmes apareceram em outras reportagens – um exemplo é aquela sobre a visita de um ultramaratonista a São Paulo (13 de setembro de 2009).

Discussão

Em sintonia com estudos realizados em outros países (RAMALHO; POLINO; MASSARANI, 2012; BOMLITZ; BREZIS, 2008; LEÓN, 2008; VERHOEVEN, 2008; MASSARANI; BUYS, 2007; BUCCHI; MAZZOLINI, 2003; GÖPFERT, 1996), medicina e saúde ganharam particular atenção no *Fantástico*. Foram os temas de mais matérias científicas que mereceram chamada na abertura do programa e de duração mais longa, se comparadas a outras áreas do conhecimento. Matérias de medicina e saúde apareceram em todos os meses incluídos na

análise, apesar de se observar variação no número de matérias por mês, sendo abril e agosto os meses em que mais destaque se deu para estes temas.

É curioso observar, no entanto, que a epidemia da gripe H1N1 ocorrida naquele ano contribuiu pouco para aumentar a atenção dada pelo *Fantástico* à pesquisa em saúde. Como mostram Medeiros e Massarani (2011), *Fantástico* cobriu, sim, a enfermidade, veiculando 16 matérias sobre o assunto entre abril e agosto de 2009, das quais oito foram ao ar no mês de maio. No entanto, muitas dessas matérias não entraram no *corpus* analisado neste artigo, por não estarem dentro do escopo que delimitamos como pesquisa em saúde. Em outras palavras, as matérias não traziam questões científicas em seu cerne.

Mais de dois terços das matérias (71,7 %) continham recomendações para o tema de saúde abordado, com destaque para cuidados preventivos. Esse resultado, semelhante ao encontrado por Soares e Caponi (2011), mostra que o programa dominical, nas matérias de saúde e medicina, não procura centrar-se somente nos malefícios ocasionados pelas enfermidades, e sim abordar as doenças de uma forma mais ampla. Nas reportagens que mostram hábitos relacionados a questões culturais e/ou sociais – como, por exemplo, os problemas causados pelo uso de fones de ouvido ou dicas sobre o sono –, as recomendações estão voltadas para uma melhora na qualidade de vida e bem estar da população.

Essa constatação sugere que o *Fantástico* traz uma abordagem positiva dos temas de saúde, ao priorizar, na seleção de conteúdos, os fatores de risco associados a doenças e recomendações de mudanças de comportamento que levem a uma melhoria na qualidade de vida.

Este resultado sugere uma concepção de saúde consoante àquela apresentada pela Organização Mundial da Saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1946) e vários autores, como Badziak e Moura (2010), que destacam que saúde não é apenas a ausência de doença, mas, sim, necessita ser pensada de forma positiva e holística, resultante de vários fatores integrados.

Por outro lado, o conjunto de doenças abordadas pelo programa não necessariamente reflete os principais problemas de saúde pública enfrentados pelo país – alguns temas bastante relevantes foram deixados de fora. Um exemplo disso é a dengue, que teve baixa presença na cobertura de pesquisa em medicina e saúde, apesar de o número de casos da doença estar em elevação no período (PINHO, 2012). É possível que a cobertura do *Fantástico* sobre a dengue tenha priorizado outros aspectos que não os científicos e, por isso, tais matérias não tenham entrado em nossa amostra. Ainda assim, essa característica da cobertura contrasta com a defesa feita por França, Abreu e Siqueira (2004) de que o jornalismo pode assumir papel de relevância para o setor saúde no enfrentamento de epidemias, difundindo informações de caráter técnico e científico com agilidade e abrangência.

Em geral, as chamadas doenças negligenciadas tropicais (categoria de enfermidades na qual a dengue se insere) estiveram fora da pauta do *Fantástico*, muito embora afetem a população brasileira de forma significativa e apesar de, nas últimas duas décadas, o volume de pesquisas sobre essas enfermidades ter aumentado no mundo de maneira relevante – um crescimento para o qual o Brasil teve contribuição importante (ADAMS; GURNEY; PENDLEBURY, 2012). Seria de se esperar, portanto, que tais pesquisas ganhassem atenção da mídia, o que não foi

observado. São exemplos de doenças negligenciadas a doenças de Chagas, a leishmaniose, a malária, a hanseníase e a tuberculose.

Os enquadramentos mais comumente utilizados nas matérias de saúde e medicina foram “nova pesquisa” e “personalização”, em sintonia com os resultados observados quando se considera a cobertura feita pelo *Fantástico* de todas as áreas de conhecimento e em consonância com a “dupla natureza” do programa – que conjuga informação e entretenimento.² A personalização é um dos recursos mais comumente utilizados na televisão para criar identificação com suas audiências (KITZINGER, 1999; BRANTS, 1998) e, usada pelos programas de *infotainment*, pode ser uma estratégia relevante para o público acomodar as informações e enquadrar os temas sociais em perspectivas pessoais (BRANTS, 1998). Na cobertura em particular da saúde, é uma estratégia identificada por Verhoeven (2008), por exemplo, ao contar a história de pacientes e suas famílias – como observamos em nosso estudo. Esse resultado está em sintonia com Nisbet, Brossard e Kroepsch (2003), para quem contar histórias é um recurso importante para estruturar informações e explicar eventos complexos.

Cientistas e cidadãos comuns foram as fontes mais consultadas pelos jornalistas do *Fantástico* na cobertura da pesquisa em saúde, seguidos por médicos. Esses resultados estão em consonância com os resultados obtidos na análise da cobertura feita pelo *Fantástico* de todas as áreas de conhecimento (MEDEIROS *et al*, 2011) e reiteram que o dominical brasileiro confere grande peso ao conhecimento de especialistas, cuja autoridade contribui para a construção de uma imagem de credibilidade pelo programa, mas também recorre com frequência a cidadãos comuns para inscrever a narrativa no cotidiano e tornar os tópicos pessoalmente relevantes para suas audiências (KITZINGER, 1999; HENDERSON; KITZINGER, 1999). Por outro lado, a presença simultânea de cientistas e cidadãos comuns nas matérias também pode dramatizar os temas, confrontando o conhecimento disseminado pelo senso comum com o conhecimento científico (RONDELLI, 2004).

Nossos dados também estão em sintonia com a análise da cobertura dada pelo *Fantástico* à Aids, segundo Barata (2006). A autora aponta que o grande número de entrevistas com cientistas, que dominaram a discussão sobre a doença no programa, indica que a imagem da ciência enquanto autoridade e acima de qualquer suspeita foi perpetuada. Essa imagem é reforçada pelo intenso uso de expressões positivas para valorizar a ciência, conforme exemplificamos nos resultados. O mesmo não ocorreu, no entanto, quando o programa dominical cobriu a epidemia da gripe A (H1N1) em 2009: apesar de dar atenção à doença, pouca voz se deu aos cientistas (MEDEIROS; MASSARANI, 2011; MEDEIROS; MASSARANI, 2010).

Controvérsias da ciência – que fazem parte da própria construção do saber científico – ganharam pouco destaque em *Fantástico*, reiterando os resultados obtidos por outros estudos realizados na região (RAMALHO; POLINO; MASSARANI, 2012; ALMEIDA *et al.*, 2011; MASSARANI, 2010). No entanto, destoam de resultados obtidos por autores como Nisbet,

² A Rede Ibero-Americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico foi formada em 2009 a partir de uma convocatória do Programa Iberoamericano de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (Cyted). Coordenada pelo Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz), a rede é composta por instituições de dez países da região: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, México, Portugal e Venezuela. Os autores deste estudo integram a rede. Mais informações em www.museudavida.fiocruz.br/redejc.

Brossard e Kroepsch (2003), Jurberg et al. (2009) e Reis (2008), que destacaram o papel importante dos meios de comunicação de massa em controvérsias científicas como a pesquisa com células-tronco.

Considerações finais

Os resultados obtidos neste artigo sinalizam alguns aspectos importantes da cobertura sobre pesquisa em saúde realizada por um meio de comunicação de massa de alto impacto na sociedade e em distintas camadas sociais. Contrariando a visão presente em alguns encontros que discutem ciência e mídia, destaque importante é dado à ciência, em particular à pesquisa em medicina e saúde. Esse destaque vem acompanhado de uma forma particular de narrativa, que enfatiza os dramas individuais no enfrentamento das doenças.

Outro aspecto relevante é o evidente prestígio dado aos cientistas pelo veículo, o que expressa a legitimidade deste ator social. Além disso, consideramos que o programa avaliado aborda a saúde de forma ampla e, muitas vezes, positiva, mostrando-a como resultante de vários fatores integrados, entre eles, os fatores sociais, econômicos, culturais e comportamentais.

Por outro lado, os temas escolhidos pelo *Fantástico* nem sempre corresponderam às questões de saúde pública mais relevantes atualmente para o Brasil. Acreditamos, todavia, que uma agenda mais comprometida com os problemas enfrentados pelo país poderia ampliar ainda mais a relevância do jornalismo para o setor saúde, incluindo a dispersão de informações para o enfrentamento de epidemias e a prevenção de doenças.

Agradecimentos

Agradecemos à pesquisadora Cristina Caldas, por sua contribuição fundamental para a codificação do *corpus* desse estudo e também por sua colaboração nas análises realizadas.

Este estudo contou com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Processo: 551442/2008-5, período: Jan/2009-Jun/2011) e do Programa Iberoamericano de Ciencia y Tecnología para el Desarrollo (Cyted) (Processo: 609RT0365, período 2009-2012). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Fundação Oswaldo Cruz (protocolo 506/09) e não possui quaisquer conflitos de interesse.

Referências bibliográficas

ADAMS, J.; GURNEY, K.; PENDLEBURY, D. Thomson Reuters Global Research Report: neglected tropical diseases. Leeds, UK: Evidence, June 2012. Disponível em: <<http://sciencewatch.com/sites/sw/files/sw-article/media/globalresearchreport-ntd.pdf>>.

Acesso em: 30 out. 2012.

ALMEIDA, C.; RAMALHO, M.; BUYS, B. et al. La cobertura de la ciencia en América Latina: estudio de periódicos de elite en nueve países de la región. In: MORENO, C. (Org.). **Periodismo y divulgación científica: tendencias en el ámbito iberoamericano**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2011. p.75-97.

- BALASEGARAM, M. et al. Neglected diseases in the news: a content analysis of recent international media coverage focussing on leishmaniasis and trypanosomiasis. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v.2, n.5, p.1-5, 2008. [doi: 10.1371/journal.pntd.0000234]
- BADZIAK, R.; MOURA, V. Determinantes sociais da saúde: um conceito para efetivação do direito à saúde. **R. Saúde Públ. Santa Cat.**, Florianópolis, v.3, n.1, p.69-79, 2010.
- BARATA, G. O Fantástico apresenta a Aids ao público (1983-1992). In: NASCIMENTO, D.; CARVALHO, D.; MARQUES, R. (Org.). **Uma história brasileira das doenças**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. v.2, p.116-146.
- BOMLITZ, L. J.; BREZIS, M. Misrepresentation of health risks by mass media. **Journal of Public Health**, v.30, n.2, p.202-204, 2008. [doi: 10.1093/pubmed/fdn009]
- BRANTS, K. Who is afraid of infotainment? **European Journal of Communication**, v.13, n.3, p.315-335, 1998. [doi: 10.1177/0267323198013003002]
- BUCCHI, M.; MAZZOLINI, R. G. Big science, little news: science coverage in the Italian daily press, 1946–1997. **Public Understanding of Science**, v.12, n.1, p.7-24, 2003. [doi: 10.1177/0963662503012001413]
- BUSS, P.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus Determinantes Sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.77-93, 2007. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/saudeedeterminantessociais_artigo.pdf>. Acesso em: 9 out. 2012.
- ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v.43, p.51-58, 1993. [doi: 10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x]
- FRANÇA, E.; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Cadernos de Saúde Pública**, v.20 n.5, Rio de Janeiro, set.-out, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2004000500028&script=sci_arttext>. Acesso em: 9 out. 2012. [doi: 10.1590/S0102-311X2004000500028]
- GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: A constructionist approach. **American Journal of Sociology**, v.95, n.1, p.1-7, 1989. [doi: 10.1086/229213]
- GANS, H. **Deciding what's news**. New York: Pantheon, 1979.
- GÖPFERT, W. Scheduled science: TV coverage of science, technology, medicine and social science and programming policies in Britain and Germany. **Public Understanding of Science**, v.5, n.4, p.361-374, 1996. [doi: 10.1088/0963-6625/5/4/004]
- HENDERSON, L.; KITZINGER, J. The human drama of genetics: 'hard' and 'soft' media representations of inherited breast cancer. **Sociology of Health & Illness**. v.21, n.5, p.560-578, 1999. [doi: 10.1111/1467-9566.00173]
- IABOLI, L., et. al. The unbearable lightness of health science reporting: a week examining Italian print media. **PLoS ONE**, v.5, n.3, p.1-6, 2010. [doi: 10.1371/journal.pone.0009829]

- JURBERG, C., et al. Embryonic stem cell: A climax in the reign of the Brazilian media. **Public Understand of Science**, v.18, n.6, p.719–729, 2009. [doi: 10.1177/0963662509335457]
- KITZINGER, J. Researching risk and the media. **Health, Risk & Society**. v.1, n.1, p.55-69, 1999.
- KUCINSKI, B. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface** (Botucatu), v.4, n.6, p.181-186, 2000. [doi: 10.1590/S1414-32831997000200021]
- LAI, W. Y. Y.; LANE, T. Characteristics of Medical Research News Reported on Front Pages of Newspapers. **PLoS ONE**, v.4, n.7, p.1-7, 2009. [doi:10.1371/journal.pone.0006103]
- LEÓN, B. Science related information in European television: a study of prime-time news. **Public Understanding of Science**, v.17, n.4, p.443-460, 2008. [doi: 10.1177/09636625056073089]
- MASSARANI, L. A ciência em jornais de nove países. In: COSTA, M. (Org.). **Ciência e imprensa: convergências possíveis**. Natal: Fundação Vingt-un Rosado, 2010, p.77-93.
- MEDEIROS, F. N. S.; MASSARANI, L. A cobertura da gripe A(H1N1) 2009 pelo Fantástico. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.34, n.1, p.41-59, 2011. [doi: 10.1590/S1809-58442011000100003.]
- MEMÓRIA GLOBO. Fantástico. In: **Globo.com**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2012. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-247251,00.html>>. Acesso em 19 out. 2012.
- NISBET, M.C.; BROSSARD, D.; KROEPSCH, A. Framing Science: the stem cell controversy in an age of press/politics. **Press/Politics**, v.8, n.2, p.36-70, 2003. [doi: 10.1177/1081180X02251047]
- OLIVEIRA, M. S., et al. Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais. **Interface (Botucatu)**, v.13, n.30, p.7-16, 2009. [doi: 10.1590/S1414-32832009000300002]
- PADIGLIONE, C. Globo e Record caem, SBT sobe no Ibope 2011, tudo em migalhas. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 30 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,globo-e-record-caem-sbt-sobe-no-ibope-2011-tudo-em-migalhas,816784,0.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2012.
- PINHO, A. Número de casos de dengue aumenta 80% no país. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 mai. 2010. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/cotidiano/ult95u733034.shtml>>. Acesso em: 9 out. 2012.
- RAMALHO, M.; POLINO, C; MASSARANI, L. Do laboratório para o horário nobre: a cobertura de ciência no principal telejornal brasileiro, **Journal of Science Communication**, v.11, n.2, p.1-10, 2012.
- REIS, R. How Brazilian and North American Newspapers frame the stem cell research debate, **Science Communication**, v.29, n.3, p.316–34, 2008. [doi: 10.1177/1075547007312394]

RONDELLI, D. R. R. **A ciência no picadeiro**: Uma análise das reportagens sobre ciência no programa Fantástico. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo Brasil, 2004.

SIQUEIRA, D. **A ciência na televisão**: mito, ritual e espetáculo. São Paulo: Annablume, 1999.

SOARES, G. B.; CAPONI, S. Depressão em pauta: um estudo sobre o discurso da mídia no processo de medicalização da vida. **Interface (Botucatu)**, v.15, n.37, p.437-446, 2011. [doi: 10.1590/S1414-32832011005000006]

VERHOEVEN, P. Where has the doctor gone? The mediazation of medicine on Dutch television, 1961–2000. **Public Understanding of Science**, v.17, n.4, p.461-472, 2008. [doi: 10.1177/0963662506075352]

WILSON, A., et al. Media Reporting of Health Interventions: signs of improvement, but major problems persist. **PLoS ONE**, v.4, n.3, p.1-5, 2009. [doi: 10.1371/journal.pone.0004831]

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Preamble to the Constitution of the World Health Organization as adopted by the International Health Conference, New York, 19-22 June, 1946; signed on 22 July 1946 by the representatives of 61 States and entered into force on 7 April 1948. **Official Records of the World Health Organization**, n.2, p.100, 1946. Disponível em: <<http://www.who.int/about/definition/en/print.html>>. Acesso em: 05 out. 2012.

Apêndice 1: Categoria dos enquadramentos

Nova pesquisa	Foco em novas pesquisas divulgadas, anúncio de novas descobertas ou aplicação de novos conhecimentos científicos, novos remédios ou tratamentos, resultados de pesquisas clínicas.
Novo desenvolvimento tecnológico	Foco em novos desenvolvimentos experimentais, procedimentos técnicos ou novas tecnologias, tanto aquelas estreitamente ligadas à sua utilização no campo da pesquisa científica em si, como em diferentes mercados (ex.: novos dispositivos para celulares, um novo tipo de combustível etc.)
Antecedentes / <i>background</i> científicos	Antecedentes científicos gerais da questão (por exemplo, a descrição de pesquisas anteriores, recapitulação dos resultados e conclusões já conhecidas).
Impacto da C&T	Apresenta situações em que os resultados da ciência ou de pesquisas têm impacto direto sobre a sociedade (positivo ou negativo), como acidentes em usinas nucleares, falta de energia, biossegurança, melhorias nas condições de vida e de recuperação ambiental, questões controversas e riscos nas aplicações da C&T.
Ética / Moralidade	Foco na ética ou moralidade da pesquisa, anúncio de um relatório especial sobre ética, destaque para perspectivas religiosas ou de valores, ênfase em bioética, discussão sobre impedir o progresso científico, debate sobre a natureza da vida humana.
Política Estratégia / Políticas Públicas / Regulamentação	Foco nas estratégias políticas, nas ações ou deliberações políticas de personalidades políticas, nas administrações presidenciais, de membros do Congresso, de outros órgãos do governo federal ou estadual, agências do governo, e pressão de grupos de interesse.
Mercado / Promessa Econômica / Patentes / Direitos de Propriedade	Foco nos preços de ações, no crescimento em uma determinada indústria ou empresa que

	tenha a ver com a investigação científica ou seu produto, na reação dos investidores, no desenvolvimento de produtos para o mercado, nas implicações para a economia nacional, na competitividade global.
Controvérsia Científica	Foco nas controvérsias científicas relacionadas à ciência e tecnologia.
Incertezas Científicas	Foco nas incertezas científicas sobre questões de ciência e tecnologia.
Personalização	Destaque para algum personagem que faça parte da questão científica abordada pela matéria. Exemplo: foco em pacientes que estão recebendo algum tipo de tratamento ou em sua família ou amigos. O enquadramento aqui é a narrativa pessoal, depoimento, testemunho ou experiência.
Dimensão cultural da ciência	Matérias voltadas para a dimensão cultural da ciência: sua parte estética, linguística, artística ou histórica. Também inclui aquelas notícias que destacam a diversidade cultural, tradições, costumes entre etnias, países ou povos.

Recebimento: 28.11.2012

Aceite: 14.01.2013